

AS BARREIRAS NA ESCOLA REGULAR: ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO COM DÉFICIT INTELECTUAL

Bárbara Alves Branco Machado¹

Nara Rosane Machado de Oliveira²

Claudete da Silva Lima Martins³

Francéli Brizolla⁴

Resumo:

Este trabalho de pesquisa possui como tema as barreiras excludentes (atitudinais, físicas e/ou pedagógicas) enfrentadas por um aluno que apresenta déficit intelectual, do nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Bagé (RS). Em nosso estudo, temos como objetivo investigar barreiras à aprendizagem e à participação desse estudante com necessidades educacionais especiais no contexto do Ensino Fundamental, refletindo a respeito das questões de acessibilidade e inclusão educacional, através de uma pesquisa social, qualitativa, do tipo estudo de caso. Para coletar os dados, utilizamos como instrumentos a entrevista semiestruturada e o roteiro de observação. Foram realizadas, no total, cinco entrevistas semiestruturadas com sujeitos pertencentes à comunidade escolar (psicóloga, dois colegas de aula, uma professora e o nosso sujeito de pesquisa) gravadas através da captura de áudio, por celular, entre os meses de agosto e setembro de 2018. As entrevistas foram transcritas e o roteiro de observação foi preenchido pela investigadora do estudo de caso. A metodologia de análise de dados se produziu por meio da Análise de Conteúdo. Os resultados mostram que o sujeito analisado sofre de dois dos três tipos de barreiras à aprendizagem e à participação em seu contexto escolar: barreira atitudinal de adjetivação ou rotulação e de baixa expectativa e subestimação (vinda dos colegas de classe e de outros membros da instituição escolar) e barreira pedagógica (oriunda dos professores que utilizam material didático não adaptado à deficiência do aluno, por exemplo), bem como indícios de barreiras atitudinais provenientes da família do aluno desde o início de sua vida discente. Esta pesquisa poderá contribuir para os estudos vindouros que tangem os processos de inclusão e exclusão escolar.

Palavras-chave: Educação inclusiva; barreiras; déficit intelectual

AS BARREIRAS NA ESCOLA REGULAR: ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO COM DÉFICIT INTELECTUAL

¹ Aluno de pós-graduação. balvesmachado56@gmail.com. Autor principal

² Aluno de pós-graduação . profenarita@gmail.com. Co-autor

³ Docente. claudeteslm@gmail.com. Orientador

⁴ Docente . franbrizolla@gmail.com. Co-orientador

AS BARREIRAS NA ESCOLA REGULAR: ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO COM DÉFICIT INTELECTUAL

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa cujo o tema são as barreiras (atitudinais, físicas e/ou pedagógicas) enfrentadas por um aluno com *déficit* intelectual. O estudante frequenta o nono ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Bagé (RS).

Assumindo neste trabalho a definição de barreiras pedagógicas como exclusão de “metodologia para a adequação das aulas ministradas pelo professor” (MENDONÇA, 2013, p. 12), barreiras atitudinais como a exclusão de um indivíduo com deficiência baseando-se na crença que essa pessoa é “deficiente, incapaz ou inválida” (TAVARES, 2013, p. 22) e barreiras físicas ou arquitetônicas como obstáculos físicos que impedem a livre circulação de pessoas com algum tipo de necessidade especial (EMMEL; CASTRO, 2003), temos como objetivo investigar barreiras à aprendizagem e à participação de aluno com necessidades educacionais especiais no contexto do Ensino Fundamental, refletindo a respeito das questões de acessibilidade e inclusão educacional. A investigação ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2018, com o intuito de verificar se existem e quais são as barreiras que afetam negativamente o processo de aprendizagem do sujeito estudado. Esta pesquisa poderá contribuir para os estudos vindouros que tangem os procedimentos de inclusão e exclusão escolar.

2 METODOLOGIA

Este estudo está organizado como uma pesquisa social, qualitativa, do tipo estudo de caso (ANDRÉ, 1995), o qual tem como universo amostral um sujeito do sexo masculino, de 15 anos, regularmente matriculado e frequentando o nono ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Bagé, município pertencente à região da Campanha Gaúcha.

A escola abarca as séries iniciais e finais do ensino fundamental. Seu público é formado por alunos oriundos do Centro da cidade de Bagé, a maioria em situação de vulnerabilidade social e econômica.

Para coletar os dados, utilizamos como instrumentos a entrevista semiestruturada (GERHARDT, 2009) e o roteiro de observação, previamente elaborado pelas pesquisadoras. Foram realizadas, no total, cinco entrevistas semiestruturadas com sujeitos pertencentes à comunidade escolar (psicóloga, dois colegas de aula, uma professora e o nosso sujeito de pesquisa) gravadas através da captura de áudio, por celular. As entrevistas foram gravadas e transcritas. O roteiro de observação foi preenchido através de análise do contexto escolar.

Nossa metodologia de análise de dados se dá por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2009), método que consiste no estudo de discursos orais e escritos, verificando a ocorrência numérica de determinado fenômeno dentro de uma pesquisa.

Com o intuito de preservar a identidade dos participantes da investigação, utilizamos pseudônimos em todos os sujeitos de pesquisa, sendo assim designados como Carla (psicóloga da escola), Otávio (aluno com deficiência), Felipe (colega), Maria (colega), Ana (professora) e Fábio (colega citado por Felipe durante a entrevista).

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Nossos resultados mostraram que Otávio sofre de dois dos três tipos de barreiras à aprendizagem e à participação em seu contexto escolar: barreira atitudinal e barreira

pedagógica. Nesta seção vamos discutir mais sobre as implicações encontradas nos dados coletados com aporte teórico.

Através da realização da primeira entrevista semiestruturada, com Carla, a psicóloga da escola, foi revelado que Otávio não possui um diagnóstico médico sobre sua deficiência. O laudo presente na escola aponta que o estudante apresenta síndrome de *Asperger*¹, porém, de acordo com a Carla, o discente não apresenta os sintomas desse transtorno, mas sim de “*uma deficiência intelectual, um retardo mental*”.

A psicóloga ressalta que a falta de um exame neurológico afeta diretamente o aprendizado do aluno e prejudica a escola no processo de inclusão, pois sem o diagnóstico o corpo docente é impossibilitado de preparar um material pedagógico inclusivo específico para a deficiência de Otávio. A razão para a falta de um exame neurológico, segundo a entrevista realizada com Carla, se deve ao fato do estudante não apresentar comportamento violento em âmbito familiar (“*como ele é um menino calmo, nunca precisou de medicamento, nunca deu problema de comportamento, de nervosismo em casa com ela [com a mãe], então acho que ela nunca se interessou em ver o que o filho tem [qual é transtorno]*”), o que leva a mãe do menino a procrastinar a consulta médica desde o ano passado.

A psicóloga acrescenta que o aluno possui interesse em alguns conteúdos de sala de aula, questiona e relata os mesmos a ela durante as conversas, além de ter bom convívio social fora da escola. Carla salienta ainda que Otávio consegue compreender os conteúdos de acordo com suas limitações (“*ele não consegue mais que isso*”), o que já é bastante significativo na opinião dela. A análise da psicóloga sobre as capacidades intelectuais do aluno revela indícios de barreira atitudinal de baixa expectativa ou de subestimação (TAVARES, 2013). Esse tipo de barreira atitudinal diz respeito ao “juízo antecipado e sem fundamento de que a pessoa com deficiência é incapaz de fazer algo.” (TAVARES, 2013. p. 25).

Sem o diagnóstico médico, o corpo docente da escola busca incluir o aluno realizando as avaliações junto com o estudante, porém não há material adaptado para o aluno trabalhar em sala de aula. Tendo em vista esse cenário, a saída do discente da escola para ingressar no ensino médio causa preocupação à comunidade escolar, pois Otávio pode não encontrar as “*facilitações*” que tem na escola em uma instituição de ensino médio. Nesse contexto podemos encontrar a barreira pedagógica, pois o aluno com deficiência necessita de material adaptado (MENDONÇA, 2013).

Como comentado pela psicóloga da escola, nenhuma das professoras trabalha com material especial para Otávio. Cientes disso, entrevistamos uma das professoras do aluno, Ana, para compreender melhor a situação. Em uma sucinta entrevista, Ana diz que trabalha com o livro didático com os alunos, porém o livro não oferece exercícios inclusivos a educandos com deficiência (barreira pedagógica de material didático). A docente relata também que possui “*muita dificuldade em trabalhar com alunos com deficiência*”, pois tem a sensação que mesmo quando adapta o material para Otávio e outros estudantes com deficiência tem a “*eterna sensação que eles [alunos com deficiência] não aprendem nada*”, dando claros indícios da já mencionada barreira atitudinal de baixa expectativa e de subestimação (TAVARES, 2013). Ela ainda cita vagamente a falta de formação adequada durante a graduação na área da inclusão, porém não aprofunda o tema em seu comentário.

Segundo Carla, a inclusão pedagógica do estudante é oriunda de um dos seus colegas, Felipe, que auxilia Otávio nos conteúdos, realização de trabalhos e outras atividades dentro e fora da sala de aula.

Felipe, que participou de uma das entrevistas semiestruturadas, assume um papel de “tutor” de Otávio dentro da sala de aula. O estudante afirma que se tornou “*amigo*” de Otávio

¹ A Síndrome de *Asperger* (SA) “caracteriza-se por prejuízos na interação social, bem como interesses e comportamentos limitados”. (KLIN, 2006. p.8)

desde que o conheceu, em 2017, e que o ajuda “*para ele [Otávio] ficar com boa nota e poder se formar*”, além de estar tentando ir para a mesma escola que Otávio no ensino médio, frequentar a mesma turma e seguir auxiliando-o, bem como levar a amizade para além da sala de aula. Desde o mencionado ano, Felipe passou a auxiliá-lo nas tarefas e avaliações propostas. Através da observação da sala de aula e relatos das entrevistas, é possível verificar que o restante da turma exclui Otávio (LIMA; SILVA, 2012), evitando interações com o aluno e, eventualmente, o provocando quando notam que os professores o auxiliam individualmente em avaliações, por exemplo. Sobre a assistência dos docentes durante a realização de provas, a mesma é feita com a justificativa que não há material adaptado ao aluno, logo os professores realizam as atividades junto com Otávio, o que incomoda seus colegas. Felipe, quando questionado sobre o comportamento da turma em relação à atenção que Otávio recebe dos professores, comenta que:

“Eles [os professores] percebem que ele tem alguma dificuldade... Todas as professoras ajudam ele, e aí, tipo, os outros caras [colegas] ficam com ciúmes e acham que as professoras tão dando a resposta *pra* ele. O Fábio [um dos colegas de Otávio], por exemplo, hoje na prova de ciências, ele achou que a professora *tava* passando a resposta pro Otávio. Quase todo mundo [a turma] falou: “ah, com a ajuda da professora todo mundo *passa*.” (trecho da entrevista semiestruturada realizada em 06 de setembro de 2018).

Otávio está com a mesma turma desde o 6º ano do ensino fundamental. Quando questionado sobre a convivência com os colegas, expõe que não gosta do “*provocamento*” de alguns, revelando o comportamento hostil de colegas perante suas limitações intelectuais. Tal comportamento é explanado por Maria, colega e uma das participantes da pesquisa, que estuda com Otávio desde a pré-escola, além de ser vizinha do aluno e considerá-lo de sua família pela convivência desde os primórdios da infância.

Segundo a participante, Otávio recebeu ao longo dos anos alguns apelidos pejorativos da turma que está no momento, como por exemplo, “*retardado*”, porém, na concepção da estudante, Otávio não percebe as provocações de forma negativa (“*ele recebe como uma brincadeira, ele não acha que tá ofendendo ele... Isso é bom até, eu acho, porque ele recebe como uma brincadeira, mas pra ele tanto faz.*”), o que mostra uma crença negativa sobre o sujeito com deficiência não perceber as atitudes ao seu redor e revelar uma barreira atitudinal de adjetivação ou rotulação (TAVARES, 2013) quando revela que Otávio é/era adjetivado como “*retardado*” pelos colegas, um adjetivo depreciativo para designar uma deficiência (TAVARES, 2013).

A última entrevista semiestruturada foi realizada com Otávio. Com pausas longas e incompreensão do vocabulário presente nas perguntas realizadas, citou que “*gosta de todas as professoras*”, que “*gosta das aulas*”, e que o único “*problema*” que vê na escola é a já mencionada provocação dos colegas. Otávio comenta que mudaria “*o jeito deles*”, contrariando a afirmativa de sua colega entrevistada que acredita que ele não percebe os afrontamentos em razão de sua deficiência. Otávio, quando questionado sobre suas expectativas para o ingresso no ensino médio, citou que quer continuar estudando e “*ir para uma escola grande*” estudar mecânica, pois é a proposta de curso técnico que pretende fazer o ensino médio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cientes do curto espaço de tempo para a realização da pesquisa, investigamos as barreiras à aprendizagem e à participação de aluno com necessidades educacionais especiais no contexto de uma escola de Ensino Fundamental refletindo a respeito das questões de

acessibilidade e inclusão educacional. Através dessa análise dos dados, encontramos indícios que Otávio, nosso sujeito investigado, enfrenta barreiras pedagógicas (com a falta do material didático adequado, por exemplo) e barreiras atitudinais (de adjetivação ou rotulação e de baixa expectativa ou de subestimação). Essas barreiras acabam dificultando os processos de ensino/aprendizagem do aluno.

Embora o objetivo desse estudo não seja analisar o âmbito familiar do sujeito, é preciso ressaltar que através da análise dos dados, encontramos barreiras atitudinais vinculadas a esse contexto, pois a mãe do estudante retarda consultas do filho com um neurologista há anos, o que impossibilita um diagnóstico preciso da deficiência de Otávio. Tal fato é refletido na escola, pois sem um diagnóstico, o professorado alega não poder realizar material adaptado para atender o estudante em sala de aula.

Ressaltamos a continuidade deste estudo para a maior compreensão do caso, além de propor soluções às barreiras enfrentadas pelo estudante.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. 1. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 70 ed. Lisboa: LDA, 2009.

EMMEL, M. L. G; CASTRO, C. Barreiras arquitetônicas no campus universitário: o caso da UFSCAR. In: MARQUEZINI, M. C. et al. (Org.). **Educação física, atividades lúdicas e acessibilidade de pessoas com necessidades especiais**. Londrina: UEL, 2003. p.177-183.

GERHARDT, T. *et al.* A entrevista semiestruturada. In.: GERHARDT, T; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. Supl I, p. 3-11, mai. 2006.

LIMA, F. J; SILVA, F. Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola. In: **Deficiente Ciente Blog da Inclusão e Cidadania**, 2012. Disponível em: [http: <https://www.deficienteciente.com.br/barreiras-atitudinais-obstaculos-a-pessoa-com-deficiencia-na-escola.html>](http://<https://www.deficienteciente.com.br/barreiras-atitudinais-obstaculos-a-pessoa-com-deficiencia-na-escola.html>) . Acesso em: 09 ago. 2018.

MENDONÇA. A. A. S. Escola inclusiva: barreiras e desafios. In: ANAIS DO ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CONGRESSO INTERNACIONAL DE TRABALHO DOCENTE E PROCESSOS EDUCATIVOS 2013, Uberaba: UNIUBE, 2013.

TAVARES, F. Barreiras atitudinais e a recepção da pessoa com deficiência. In: TAVARES, L. B. (Org). **Notas Proêmias: Acessibilidade Comunicacional para Produções Culturais**. Pernambuco: Cepe Editora, 2013.